

Roberto Pontual
cat. MAM 1974

1974

crítico

UNIDADE / MULTIPLICIDADE: PRESENÇA DE IVAN SERPA

Em abril de 1973 — nesse mesmo ano que ficará marcado na arte brasileira pela sucessão de perdas substanciais — morria Ivan Serpa, poucos dias depois de completar cinquenta anos, no Rio, cidade onde nascera e continuara sempre vivendo. Conhecido e respeitado, sobretudo no público carioca e mais ainda entre os jovens, ele insistiu em manter até o fim intacta sua natureza irreversivelmente experimentadora, para a qual nenhum caminho estava vedado, somando à prática dos recursos tradicionais da pintura, do desenho e da gravura a curiosidade pela invenção com as novas propostas e materiais especificamente contemporâneos. Tendo por base essa curiosidade e por tarefa o extremo cuidado artesanal, Serpa nos legava naquele momento uma obra única e exemplar entre as que vêm sendo elaboradas no Brasil desde o término da II Guerra Mundial.

Três constantes fundamentais podem definir os quase trinta anos de atividade de Ivan Serpa, particularmente como desenhista e pintor. Em primeiro lugar, o propósito de situar-se sempre ao nível da contemporaneidade internacional, incorporando a sucessão dos principais movimentos e tendências componentes e características do mesmo período. Passada uma fase inicial figurativa, de inspiração modiglianesca — na qual, entretanto, desde 1947, ocorriam vez ou outra exemplos de evidente interesse pela abstração — ele se fazia, já por volta de 1951, sob o influxo do rigoroso construtivismo das representações suíça e alemã à recém-exibida I Bienal de São Paulo, um dos pioneiros da arte concreta no Brasil. A partir de então, sua obra seguiu o caminho diversificado que o levou desse recurso quase-matemático dos primeiros tempos, prologando-se por toda a década de 1950, a uma abstração mais expressionista e projetiva, entre 1960 e 1962, depois à nova-figuração de combate, com a violência de

Retrospectiva MAMRJ 1974

fase negra em meados da década de 1960, e, logo, à retomada da disciplina construtiva do início, nos desenhos de álgida sensualidade a bico-de-pena, nas pinturas de inflexíveis mas calorosas relações cromáticas e nas construções tridimensionais ilusionistas com módulos de madeira e espelho – todos, trabalhos regulados pelo alvo cinético da *op-art*.

A segunda constante no rumo de Serpa, já decorrente da primeira, era a variedade ou a mutabilidade de seu programa e de sua produção, desde os elementos francamente figurativos até a mais absoluta não-figuração, sem que lhe incomodasse o aparentar incoerência de uma fase à fase seguinte, sem que se sentisse inábil para estabelecer com linguagens opostas sua própria indisfarçável linguagem, ao longo de uma lógica interior específica. O fato é que – e isto já conduz à terceira constante – Serpa se interessava sobretudo pela possibilidade de experimentar, de atualizar sua artesanaria independentemente das limitações dos modelos por ele próprio antes praticados sob paixão. Ele não se contradizia na contradição, mas nela se ampliava e se aperfeiçoava.

“O que interessa é fazer outras observações em relação a outras coisas do momento atual. O que existe é uma necessidade de acordo com minha vivência. Trabalho todos os dias. Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço, se for objeto, eu faço. E tem momento em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe, mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados. As derrotas ensinam mais do que as vitórias. E dão força para outros embates. Não me entrego não. Vou até o final”. Talvez tenha sido esta a sua melhor autodefinição, em setembro de 1971.

Há que destacar, por fim, como complemento e envolvimento das três constantes citadas, o elo entre a obra de Ivan Serpa e sua também prolongada tarefa de professor – inclusive de arte infantil, por duas décadas quase contínuas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entregue por completo a essa tarefa de liberação da criatividade

disciplinadamente nos outros, crianças ou adultos, ele conseguia tecer a rara dialética de influir e se deixar influenciar mais ou menos diretamente por muitos de seus melhores alunos, vários dos quais formam hoje um setor importante de trabalho nas nossas primeiras gerações pós-modernas.

Por tudo isso, a retrospectiva que agora se entrega ao público, e que se completará dentro de alguns meses através da edição de um livro, não poderia deixar de estruturar-se em torno da multiplicidade definidora de obra de Ivan Serpa, mostrando ao mesmo tempo de que modo a unidade entre tantas fases e maneiras distintas terminava sendo sutilmente afirmada a todo instante. Dos primeiros desenhos e pinturas de interesse pela natureza e a figura humana até as últimas grandes telas e guaches de acrescentamento simbólico a formas puras — a série que o próprio Serpa chamou de *geomântica* e que não teve tempo de tornar pública — o objetivo mais nucleado da presente mostra é assegurar que por trás de toda a variedade havia apenas, sempre, um único artista: o homem múltiplo e uno, Ivan Serpa.

Um agradecimento final caloroso é preciso que eu faça à sua viúva, Lúcia Serpa, cuja presença foi permanente e entusiástica em todas as fases de organização dessa retrospectiva, bem como aos inúmeros colecionadores que se dispuseram, também com presteza e entusiasmo, a ceder obras para compô-la.

ROBERTO PONTUAL